



UFSM

Artigo Monográfico

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NO PROCESSO DE
INCLUSÃO ESCOLAR DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Marle Concari Krassmann

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SÃO BORJA, RS, Brasil

2007

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NO PROCESSO DE
INCLUSÃO ESCOLAR DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

por

Marle Concari Krassmann

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a Fundação Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja/RS, como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SÃO BORJA, RS, Brasil

2007

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo Monográfico de Especialização

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NO PROCESSO DE
INCLUSÃO ESCOLAR DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

elaborada por

Marle Concari Krassmann

como requisito parcial para obtenção do grau de

**Especialista em Educação Especial; Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos.**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª Ms Sabrina Fernandes De Castro (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Profª Ms Sinara Pollon Zardo

Profª Ms Heloisa Lopes Queiroz

São Borja, 05 de outubro de 2007

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, a meu pai Alarico (in memoriam) e a minha mãe Mareni, que me deram a vida, ao meu marido José Paulo e a minha filha Luísa pelo incentivo e apoio, por compreenderem a minha ausência, durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora Sabrina Fernandes de Castro, pela sua atenção e disponibilidade.

Aos professores, colegas e familiares pelo apoio nesta conquista.

Informação dá poder de reflexão e nos permite tomar e rever decisões capazes de alterar o futuro. O jornalista não é pedagogo nem se preparou para tal função, mas a mídia é uma espécie de escola paralela.

Claudia Werneck

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos.
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

AUTOR: MARLE CONCARI KRASSMANN

ORIENTADORA: PROF^a MS SABRINA FERNANDES DE CASTRO (UFSM)
São Borja, 05 de outubro de 2007

O presente trabalho foi desenvolvido durante o curso de Pós-Graduação em Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos da Universidade Federal de Santa Maria em Convênio com a Fundação Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja. Desenvolvemos essa pesquisa com o objetivo de verificar a influência da mídia televisiva na mudança de paradigmas da Educação Especial, a fim de constatar se a abordagem utilizada auxilia no processo de inclusão escolar. Isso porque, pensamos que a mídia influencia, direta ou indiretamente, os comportamentos e as atitudes dos telespectadores através da programação. Realizamos a presente pesquisa com sete professores de uma escola pública estadual do município de Maçambará, Rio Grande do Sul, que têm alunos com deficiência matriculados nas séries iniciais e finais do ensino fundamental. Constatamos que a mídia colabora com a inclusão quando não exagera na carga emocional dos fatos apresentados, quando aplica termos corretos, quando checa as informações a serem repassadas ao público, evitando que expressões incorretas ou ultrapassadas sejam divulgadas e disseminadas. Podemos salientar que a inclusão da pessoa com deficiência não é um processo fácil e rápido, mas lento e gradual, onde requer grandes rupturas de todos os envolvidos, o que é necessário para a garantia de que TODOS tenham acesso e permanência a uma escola de qualidade.

Palavras - chaves:

educação especial; mídia televisiva; inclusão escolar

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos.
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

THE MEDIA TELEVISION INFLUENCE ON THE SCHOLAR INCLUSION PROCESS OF DEFICIENT PEOPLE

AUTOR: MARLE CONCARI KRASSMANN
ORIENTADORA: PROF^a MS SABRINA FERNANDES DE CASTRO (UFSM)
São Borja, 05 de outubro de 2007

The present work was realized during the Post-Graduation in Specialization in Special Education: Cognitive Deficit and Deaf's Education of Federal University of Santa Maria in convention with Áttila Taborda Foundation – URCAMP – São Borja's campus. We developed this search aiming to verify television influence in changes in Special Education paradigms, in order to certify if the used approach helps on scholar inclusion process. That's why we know that media influences, direct or indirectly, the viewers' behavior and attitudes through the programming. We realized the present search with seven teachers of a state public school of Maçambará municipal district, Rio Grande do Sul, which has students with deficiency matriculated on initial and final series of Elementary School. We have verified that media collaborates with the inclusion when it doesn't exaggerate on emotional load of the presented facts, when it applies correct terms, when it checks the information that is repassed to the public, avoiding that incorrect or outdated expressions be divulged and disseminated. We can point out that the inclusion of a deficient person is not an easy and fast process, but it is slow and gradual, which requires big ruptures of all involved, what is necessary for the warranty that everybody have access and permanence in a school of quality.

Key-words:

special education; media television; scholar inclusion.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Questionário de Identificação e Possibilidades.....	33
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	38

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	15
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
ANEXOS	31

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho foi desenvolvido durante o curso de Pós-Graduação em Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos da Universidade Federal de Santa Maria, em Convênio com a Fundação Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja.

A pesquisa de campo foi idealizada a partir de questionamentos que evidenciaram posições polêmicas e divergentes de professores, sobre como a inclusão escolar de pessoas com deficiência vem sendo abordada pela mídia.

Assim, desenvolvemos essa pesquisa com o objetivo de verificar a influência da mídia televisiva na mudança de paradigmas da Educação Especial, a fim de constatar se a abordagem utilizada auxilia no processo de inclusão escolar. Isso porque pensamos que a mídia influencia de forma direta ou indiretamente nos comportamentos e atitudes dos telespectadores através da programação.

Esse artigo irá apresentar uma pesquisa realizada com professores da escola pública estadual, do município de Maçambará, Rio Grande do Sul, que têm alunos com deficiência matriculados nas séries iniciais e finais do ensino fundamental. A partir desses questionamentos buscamos responder à questão principal da pesquisa: Qual a influência da mídia televisiva na inclusão de pessoas com deficiência? E apresentar um artigo que possibilite reflexões relevantes para a sociedade.

Sabemos que o poder da mídia vem aumentando diariamente no sentido de influenciar as práticas sociais de nossa sociedade. Eles estão em toda a parte, jornal, cinema, revista, rádio, televisão e, sutilmente, sem percebermos, regulam e ditam padrões de beleza, morais e políticos, induzindo ao consumo de produtos e mudança ou incorporação de idéias e valores.

A rapidez com que é dada uma informação, limita ou exclui qualquer possibilidade de reflexão por parte do telespectador, que em razão disso adota um posicionamento passivo diante do verdadeiro e adequado, assim apresentado.

Talvez seja a televisão o mais poderoso meio de comunicação, por ter condições de modificar, criar ou recriar hábitos, conceitos e pré-conceitos sobre muitos assuntos, inclusive sobre educação, inclusão e exclusão social.

A televisão pode ser considerada um facilitador no processo de inclusão escolar, levando-nos a refletir e muitas vezes, rever decisões, reavaliar

comportamentos, interferindo em opiniões ultrapassadas, pois se utiliza do visível, do som, da imagem, das cores, envolvendo-nos num mundo fascinante, explorando nossas fantasias, emoções, medos, enfim, com todo este aparato visual de convencimento seria incoseqüente negá-la ou desvalorizá-la, considerada a importância no aspecto de favorecer o rompimento de paradigmas da educação especial.

Podemos também analisar que para romper com os paradigmas de institucionalização¹, de serviços² e passar para o paradigma de suporte³, a televisão deverá ter cuidado de não reforçar preconceitos, não usar terminologias incorretas, verificar se as informações não estão desatualizadas ou erradas, podendo configurar idéias injustas e preconceituosas para com as pessoas com deficiência, prestando assim, um desserviço à causa da inclusão.

A inclusão da pessoa com deficiência é um movimento mundial de luta pelo reconhecimento dos direitos dessas pessoas na busca por seu lugar na sociedade, e através da educação encontramos inúmeras possibilidades de provocar mudanças no comportamento da sociedade por ter a função formadora e socializadora do conhecimento. Tendo a mídia como aliada fornecendo o suporte e auxílio, a escola terá mais segurança e firmeza na mudança de paradigma dos sistemas educacionais, nos quais se centra o aluno e suas potencialidades favorecendo assim a todos.

O paradigma da inclusão propõe ações que garantam o acesso e permanência da pessoa com deficiência no ensino regular, mas infelizmente a escola está estruturada para trabalhar com a homogeneidade, não com a diversidade, e para que se efetive a inclusão escolar da pessoa com deficiência não basta estar garantida na Constituição Brasileira, nas legislações ou em estatutos. É de fundamental importância que ocorram mudanças que valorizem e acolham a diferença. Um veículo de comunicação que tem esse potencial para auxiliar no rompimento desses valores é a televisão.

¹ Podemos dizer que o paradigma da institucionalização caracteriza-se pela retirada das pessoas com deficiência de suas comunidades de origem para a manutenção em instituições segregadas.

² Já o de serviços caracteriza-se pela necessidade de modificar a pessoa com deficiência de forma que esta pudesse vir a se assemelhar aos demais cidadãos, para então poder ser inserida ao convívio em sociedade, é a criação do conceito de integração.

³ Paradigma de suporte: Caracterizado pelo pressuposto de que a pessoa com deficiência tem direito à convivência não segregada e a acesso imediato e contínuo aos recursos disponíveis aos demais cidadãos é a criação do conceito de inclusão. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SEESP, 2000)

Sabe-se que no paradigma de serviço, em que se primava pela integração, em relação à criança com o diagnóstico de qualquer deficiência, matriculada e inserida numa escola da rede regular de ensino, tinha-se como objetivo apenas a socialização, pois era visto como dever da criança adaptar-se às regras e normas da escola e, esta de posse desse diagnóstico, entendia que não tinha o compromisso e a preocupação formativa dessa criança ou jovem com deficiência. A instituição de ensino apenas realizava pequenas adaptações arquitetônicas, permitindo dessa forma a presença da criança na sala de aula.

(...) quando se fala em educação de pessoas com deficiência, elas são vistas apenas como detentoras de direitos pontuais, entre eles estar em escolas e classes especiais, priorizando-se a educação especial. Crianças, adolescentes e jovens com deficiência não costumam ser reconhecidos como titulares do direito à educação, como qualquer outra criança e, assim, ter apoios especiais como complemento e não como substitutivo ao atendimento regular (VIVART, 2003, p.56).

Muitas vezes empregamos as palavras integração e inclusão como vocábulos sinônimos, porém quando analisados sob a ótica de paradigmas adquirem conotação diferentes. Segundo Vivart "(...) poderíamos definir integração como um movimento pelos "Direitos Humanos de Quase Todos os Humanos" (2003, p.19).

O conceito de integração nos faz acreditar que é possível escolher quais pessoas com deficiência têm o direito de frequentar e participar das escolas regulares.

No entanto, o conceito de inclusão, revela-nos um novo caminho, no qual a escola inclusiva assume compromisso com todas as pessoas; todos temos direito de participar ativamente da escola, a inclusão é para todos, vindo para romper barreiras em torno de grupos marcados pela discriminação.

Por isso os termos escola inclusiva, trabalho inclusivo e ambiente inclusivo não devem ser usados com sinônimos da presença de crianças, adolescentes ou adultos com deficiência. Apenas os ambientes que propiciam o desenvolvimento das potencialidades de todos os seres humanos merecem a qualificação de "inclusivos" (VIVART, 2003, p. 38).

Com certeza a televisão deve empenhar-se para dominar conceitos, no sentido de atualização das terminologias, não usando o termo escola inclusiva

como sinônimo da presença de pessoas com deficiência, para que assim favoreça a transformação da mentalidade e atualização da sociedade, difundindo com maior agilidade esse novo conceito, daí a importância da televisão como agente facilitador dessa troca de informação.

Ao longo de sua história a televisão vem fazendo construções, desconstruções e reconstruções culturais sobre os conceitos das pessoas com deficiências e sua inclusão, porém não podemos esquecer que ela mostra modelos de comportamentos que refletem os padrões de valores de cada época.

Para Sasaki “a participação da televisão em relação à pessoa com deficiência iniciou como um mero transmissor de informações, veiculando apenas os serviços de reabilitação e suas necessidades” (1999, p. 01) . Esse autor ainda comenta que nesse período a mídia recebia muitas vezes as notícias e artigos já preparados pelas associações, entidades especializadas na área da deficiência, mas sempre eram realizadas algumas modificações, dando um novo formato, mudando o sentido das matérias, tratando a pessoa com deficiência como triste, doente, coitadinho, fragilizado.

No Brasil, com o surgimento de movimentos de pessoas deficientes a partir de 1979, a coluna do leitor de grandes jornais começou a inserir cartas cujo teor era geralmente de protestos ou indignação por parte de pessoas que se sentiam prejudicadas em sua condição de portadoras de deficiência (SASSAKI, 1997, p.154).

A partir desse ano, iniciou-se um movimento em defesa da imagem da pessoa com deficiência. Esse movimento questionava a falta de preocupação da mídia, ao abordar a condição humana da pessoa com deficiência, revelando imagens que reforçavam preconceito, estigmas sobre essas pessoas.

A proposta de inclusão das pessoas com deficiência foi disseminada após a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, na Tailândia, em 1990 e a partir da Declaração de Salamanca, na Espanha, em 1994, intensificaram-se as discussões sobre esse tema.

Com o surgimento do conceito de inclusão, a televisão passou a ser vista como uma possível aliada, visto que, como veículo de comunicação de massa, a influência é imediata em diversas classes sociais.

E no sentido de auxiliar de maneira mais educativa e construtiva, foi adotada e proclamada a Declaração de Sunderbeg, em 1981, que estabeleceu:

Em vista da influência da mídia sobre as atitudes do público e com vistas a aumentar o nível de consciência pública e solidariedade, o conteúdo das informações disseminadas pela mídia, assim como o treinamento dos profissionais da mídia precisam incluir aspectos correspondentes aos interesses e necessidades das pessoas deficientes e ser preparados consultando suas associações (apud SASSAKI, 1997, p.155).

Assim, torna-se evidente a influência da mídia na proposta de inclusão da pessoa com deficiência, podendo ou não ser aliada da inclusão, considerando-se o seu vasto poder de alcance.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Realizamos a presente pesquisa com sete professores de uma escola pública estadual do município de Maçambará, Rio Grande do Sul, que têm alunos com deficiência matriculados nas séries iniciais e finais do ensino fundamental.

Para a compreensão da temática, utilizamos ora a abordagem quantitativa ora a qualitativa. Segundo Minayo: “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, (...), não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (1997, p. 22).

Para iniciarmos a pesquisa de campo formalizamos contato com uma escola estadual do município de Maçambará, Rio Grande do Sul, a fim de solicitarmos autorização para a realização da coleta de dados. A escola através de sua direção forneceu-nos ofício autorizando a realização da pesquisa.

A partir da autorização, buscamos conhecer os possíveis colaboradores da pesquisa, professores que possuem alunos com deficiência, incluídos em suas salas de aula. Assim, encontramos sete professores atuando com esses alunos.

Para a coleta dos dados empíricos utilizamos o questionário (anexo 1).

Nesse primeiro contato com os professores, apresentamos-lhes o projeto, nossas intenções e a metodologia, buscando saber o interesse de eles participarem da pesquisa. Nesse momento foi preenchido o *termo de consentimento livre e esclarecido* (anexo 2) em que o professor autoriza a utilização de suas respostas.

Para evitar qualquer identificação dos professores, os nomes serão substituídos pelas letras do alfabeto A, B, C, D, E, F e G. Assim para cada professor foi associado uma dessas letras.

Os professores pesquisados possuem a idade na faixa etária de 28 a 48 anos, sendo todos do sexo feminino; cinco deles cursaram o ensino médio com habilitação em magistério e dois apenas o ensino médio, após graduaram-se em letras, geografia, pedagogia, ciências biológicas e história. Somente um professor não possui curso superior, sendo que a maioria atua há mais de cinco anos na educação.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Atualmente, sabe-se que o maior tempo livre das pessoas é dispensado à televisão, diante da qual gastam muito tempo, consumindo sons e imagens, prendendo, não raras vezes, a atenção da família frente a um determinado programa, renunciando até mesmo ao diálogo, tão importante para a harmonia familiar e ao prazer de um outro tipo de lazer em conjunto.

Na atualidade, nos países industrializados, considerando as horas de dedicação, assistir à televisão tem se convertido na terceira atividade comum, depois de trabalhar e dormir, e na segunda atividade dos estudantes, depois de dormir. (FERRES 1996 apud BRASIL, 2006, p.8)

Ao falarmos de e sobre televisão, devemos considerar que esse meio de comunicação aparentemente inofensivo nos revela assuntos que são transmitidos como realidades e nessa ilusão verossímil, aumenta a impressão de neutralidade, limitando-se apenas em reproduzir a “realidade”.

Porém, no planejamento de pautas dos programas, são escolhidos assuntos ou fatos que privilegiam alguns em detrimento aos demais.

Muitas vezes a seleção do assunto, o tempo dado à televisão, a escolha das pessoas que opinarão sobre ela e a forma como ela é apresentada bastam para interferir numa consciência favorável ou não sobre determinado tema. A partir do momento em que a televisão aborda um assunto como a inclusão de pessoas com deficiência na rede regular de ensino, ela está se posicionando de acordo com os padrões de comportamento socialmente valorizados, advindos de interesses explícitos ou implícitos, direta ou indiretamente.

Diante desse cenário, a televisão pode ser um aliado pedagógico alternativo e eficaz para nortear e melhor conduzir o difícil processo de inclusão das pessoas com deficiência, na rede regular de ensino, podendo ocasionar mudanças de atitudes, aceitação e quebras de paradigmas.

Através da mídia televisiva, pode-se alcançar milhares de pessoas para discutir, disseminar e oferecer uma abordagem eficaz, visto que a televisão tem a característica de venda. Todos os programas vendem alguma coisa: produtos, moda, idéias, valores exercendo um efeito notável e quase que instantâneo no comportamento das pessoas.

No Brasil, um exemplo são as telenovelas, que são indiscutivelmente poderosos instrumentos de marketing.

Há pouco tempo, algumas emissoras da televisão brasileira perceberam que também têm deveres para com a sociedade e passaram a praticar o chamado marketing social. Com isso estão sendo intencionalmente vendidas idéias politicamente corretas, como campanhas estimulando o uso da camisinha, a eliminação do trabalho infantil e a inclusão da pessoa com deficiência na rede regular de ensino.

Em nossa pesquisa, através do questionário respondido, podemos constatar que os professores colaboradores da pesquisa também pensam assim. Vejamos as respostas à questão: Em sua opinião qual seria o interesse da mídia em investir na inclusão de pessoas com deficiência?

- *Todo o programa, em especial as novelas abordam temas sociais, pois é de relevância na sociedade e isso com certeza chama a atenção do público” (Professora C).*
- *O reconhecimento pela sociedade: humanismo, ética e igualdade. Desmistificar, acabar com o preconceito. Vender uma idéia, chamar a atenção das pessoas para o assunto em evidência no momento. A mídia espera retorno do que vende (Professora D).*
- *A mídia preocupa-se em atualizar-se. Sendo assim, não poderia ignorar as conquistas em termos, de legislação e avanços nas áreas científicas e da medicina, e os estudos desenvolvidos sobre como incluir (Professora G).*

No mundo em que vivemos, no qual as distâncias tornam-se cada vez menores, devido à eficiência e a facilidade no acesso aos meios de comunicação, a quantidade de informações que recebemos é bastante considerável, porém a quantidade nem sempre equivale à qualidade de informações.

Tomamos como base que as informações transmitidas através da televisão de modo parcial ou não, fornecidas por várias fontes sobre pessoas, situações ou fatos, que aconteceram ou acontecem formam o nosso julgamento de valor, sobre o que pensamos ser certo, errado, normal, anormal, eficiente ou ineficiente.

Segundo Gentilli a mídia, mais especificamente a televisão, “desperta amor e ódio de muitos educadores, psicólogos, e sociólogos” (2006, p. 45).

Assim, o papel da televisão é visto por alguns profissionais da educação, sociólogos e psicólogos de modo diverso, pois para alguns a televisão é um veículo de comunicação que aliena, que não contribui para uma educação de qualidade, apenas instiga o consumismo, a violência e o preconceito, induzindo o telespectador a imitar comportamentos e atitudes apresentados como modernos e

adequados, já para outros profissionais, a televisão é um meio de comunicação que contribui com as questões sociais, econômicas e políticas do país e da sociedade, mostrando realidades, informando o que acontece no Brasil e no mundo e, sobretudo, quando sensibiliza um grande número de pessoas sobre uma série de assuntos.

Para Moran, “tudo o que passa na televisão é educativo. Basta o professor fazer a intervenção certa e propiciar momentos de debates e reflexão” (2006, p.46). Portanto cabe a escola ser parceiro da televisão, já que ela pode auxiliar na aprendizagem, colaborando para a formação da cidadania, dimensionando com mais precisão e eficiência o foco da inclusão das pessoas com deficiência.

A ONU (Organização das Nações Unidas) “quantifica que a terra conta hoje com cerca de 600 milhões de habitantes portadores de algum tipo de deficiência. Se considerarmos os familiares, cerca de 25% da população do planeta estão diretamente envolvidos com a deficiência” (RESENDE, 1996, p.3).

Portanto, o tema inclusão escolar abrange muitas pessoas, que estão direta ou indiretamente comprometidas e interessadas nessa abordagem. Não podemos afirmar que a televisão é um veículo de comunicação social que apenas torna os indivíduos alienados, que não ensina nada, isso é controverso e questionável, pois não se pode vê-la como rival da educação.

Ao ligarmos a televisão, abre-se uma janela para o mundo, conhecemos outras realidades; é um veículo de comunicação que informa, diverte, também pode e deve contribuir com a educação inclusiva, mesmo que não seja esta a sua função precípua.

Assim, a televisão pode ser vista como coadjuvante da inclusão escolar, sendo forte aliada nesse processo.

O assunto inclusão de pessoas com deficiência não revela muita ênfase nas universidades, a não ser nos cursos da área da educação. Por isso, muitos locutores, jornalistas, repórteres, enfim, profissionais da mídia não têm nenhuma formação sobre tal assunto.

Percebe-se também que as reportagens sobre pessoas com deficiência, geralmente são publicadas com enfoque em saúde/doença. Por causa da falta de formação, informação e ou desconhecimento, a televisão, algumas vezes, não aborda de forma correta esta questão, ratificando a visão discriminatória de que

pessoas com deficiência são doentes ou incapazes, assim contribuindo com a idéia de exclusão.

Abordando a pessoa com deficiência apenas na área da saúde, a televisão não cumpre função social de incluir e ou valorizar devidamente o tema como de utilidade e interesse público, limitando-o apenas como uma questão de saúde que deverá ser tratada e não prevenida, no sentido de esclarecer dúvidas, para evitá-las ou até mesmo orientando os familiares a procurarem auxílio e possíveis tratamentos. Convém lembrar que tal tema não deve ter um enfoque somente como saúde; ele perpassa as áreas da política, economia, cultura, educação, lazer e trabalho.

A sociedade atual não pode mais admitir esta visão antiga e ultrapassada da pessoa com deficiência; esta deverá ser retificada e melhorada, principalmente pela televisão, visto a crescente responsabilidade social da mídia, que entre outras, tem a importância de formar opiniões e favorecer uma sociedade inclusiva, através de uma abordagem séria, de caráter informativo, com conhecimento e clareza do assunto, sem o risco de apresentar uma informação falsa ou errada, reforçando os velhos paradigmas da educação especial.

Concordemos com Werneck:

Pior que a desinformação, só a subinformação. Quase sempre a desinformação é assumida. Com a subinformação costuma ser diferente. Subinformação é informação errada, pela metade, manipulada pela mídia, distorcida de boca em boca, antiga, paternalista, não colaboradora da inclusão (1997, p.24).

Dependendo do caráter intencional presente na informação veiculada pela televisão, a sociedade desenvolve vários sentimentos em relação às pessoas com deficiência, como vítimas, heróis, infantilizados, subestimados, superestimados, ou incapazes.

Além disso, a terminologia utilizada pela mídia é, muitas vezes, inadequada, refletindo uma postura social de preconceito e exclusão em relação à pessoa com deficiência, contribuindo para reforçar a confusão entre doença mental e deficiência mental. Isso pois, segundo Sasaki (1997): “Os profissionais da mídia devem usar terminologia adequada sobre deficiência a fim de não reforçar inadvertidamente os preconceitos, estigmas e estereótipos existentes” (1997, p.157).

Muitas vezes o assunto deficiência, divulgado erroneamente como doença, produz fantasias e mitos que comprometem e dificultam a obtenção de vagas em escolas regulares, oportunidades de emprego, de lazer e de contatos sociais, levando a sociedade a subestimar a potencialidade e a capacidade das pessoas com deficiência, gerando estigmas, preconceito e exclusão.

Para Werneck (1997) um equívoco que a mídia comete é não enfrentar as inverdades ou mitos criados e acreditados na sociedade.

Para a Escola de Gente afirma que “Um dos deslizos mais comuns da mídia é utilizar a expressão “deficiente físico” como vocábulo genérico para designar todos os tipos de deficiência: física (ou motora), intelectual (ou mental), sensorial e múltipla” (2002, p. 22)

Quando a mídia repassa por meio de expressões faladas ou escritas a terminologia inadequada, está cometendo erro gravíssimo, pois para diferentes deficiências há uma convenção para especificar tal deficiência, as quais se classificam em deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência mental, deficiência física e deficiências múltiplas.

Outra questão importante é destacada por Werneck:

No Brasil existem mais pessoas com deficiência do que meninos de rua, viciados em drogas, portadores do vírus HIV. Se esses assuntos são considerados pela mídia temas de interesse nacional, por que deficiência ainda não é? (1997, p. 240).

Talvez a resposta para essa pergunta esteja na visão da sociedade ao considerar que pessoas com deficiência não são seus problemas e não devem estar inseridas no contexto social; não fazem parte, da economia, da política e da educação, sendo minoria da população. A pessoa com deficiência é considerada como um problema único e exclusivo da família; problema que não atinge a sociedade, refletindo mais uma vez o descompromisso e o pensamento de uma sociedade excluída e incapaz de perceber a questão da diferença sob um foco humano, num contexto de inclusão.

O preconceito e a dificuldade da televisão em apresentar a pessoa com deficiência numa perspectiva de inclusão são revelados de várias formas, explícita ou implicitamente.

Assim, a escola de ensino regular também tem dificuldade de incluir a pessoa com deficiência, que enfrenta muito preconceito e até uma exclusão disfarçada por parte dos professores, colegas e familiares.

Werneck lembra que na sociedade inclusiva:

(...) não há lugar para atitudes como 'abrir espaços para o deficiente' ou 'aceitá-lo', num gesto de solidariedade e, depois, bater no peito ou mesmo ir dormir com a sensação de ter sido muito bonzinho. Na sociedade inclusiva ninguém é bonzinho. Ao contrário. Somos apenas – e isto é o suficiente – cidadãos responsáveis pela qualidade de vida de nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou pareça ser (1997, p.21).

Observamos também que as matérias mostradas na televisão possuem erros por entrevistar profissionais inadequados e desatualizados que reproduzem abordagens antigas. Caso a fonte não tenha compromisso ou seja inadequada, o assunto da inclusão escolar da pessoa com deficiência se esvazia, perde a razão de ser, não contribuindo com objetivo proposto de dar uma visão crítica, que remeta a uma profunda reflexão.

Mas o que seria uma fonte adequada? Ou especialista certo? Especialista certo é aquele atualizado interdisciplinarmente. Sabe de tudo porque tem consciência do quanto ainda sabe pouco (...) Ele nem sempre está em cargos públicos ou na direção de um hospital (WERNECK, 1997, p. 257).

Há repórteres que buscam estes profissionais em lugares errados, pensando que alguns cientistas ou médicos renomados da área da saúde possam contribuir de forma mais eficaz e lucrativa, mas tais profissionais têm muito conhecimento teórico do tema da deficiência, destacando em suas falas apenas as limitações e diagnóstico, não estando a par muitas vezes de questões práticas, éticas, humanas e sociais da pessoa com deficiência no favorecimento de sua inclusão. Assim, deixam de divulgar experiências de pessoas, grupos, associações ou entidades que auxiliam e participam efetivamente do cotidiano das pessoas com deficiência, que acompanham suas dificuldades e superações e que teriam informações mais reais das possibilidades de desenvolvimento e das oportunidades de sucesso dentro de uma sociedade inclusiva.

Muito tem se observado sobre a efetiva participação da televisão no intuito de incluir pessoas com deficiência, aumentando o espaço para abordar este assunto.

Nem sempre aumentar espaço e tempo, dar destaque em noticiários, novelas, revistas é garantia de avançar na discussão da inclusão de pessoa com deficiência na rede regular de ensino, apenas isso não basta.

Mostrar pessoas com deficiência e emocionar a todos com uma história de vida, sofrida, cheia de limitações, lutando para receber uma educação que deve ser igual para todos na rede regular de ensino, comove, desperta muitos sentimentos, mas será que isso é suficiente para modificar atitudes, comportamentos?

Será que a televisão não pode contribuir de forma mais efetiva para a inclusão de pessoas com deficiência? Será que ela só pode e serve para informar?

Acreditamos que a televisão tem uma função social a cumprir na inclusão de pessoas com deficiência na rede regular de ensino, podendo ser um produtor de consciência coletiva, um mediador de saberes, um propagador de informações capaz de eliminar as concepções arcaicas sobre a inclusão da pessoa com deficiência.

Na análise dos dados obtidos, podemos constatar que os professores colaboradores da pesquisa também pensam assim. Vejamos suas respostas, diante do seguinte questionamento:

Você concorda que a televisão é formadora de opinião? Pensando nisso, você acredita que a televisão tem influência de forma positiva ou negativa sobre a inclusão de pessoa com deficiência? E na sua realidade, como isso se dá?

- (...) *Na minha realidade, percebe-se que através da televisão as pessoas conseguem compreender e aceitar a inclusão; mudam sua maneira de pensar e agir, colaborando para uma vivência feliz e tranqüila com a diferença. Porém, há uma parcela de pessoas que erroneamente não fazem nenhum esforço para conviver e auxiliar pessoas deficientes* (Professora D).
- *Sim, positiva devido ao fato que mostra que as pessoas que são portadoras de deficiência, têm capacidade para realizar qualquer atividade.* (Professora F).
- *Com certeza. A televisão é formadora de opinião, pois entra pelos olhos e ouvidos diariamente em todas as pessoas que a assistem nesse tempo. A televisão influi de forma positiva sobre a inclusão, por mostrar pessoas com deficiência atuando em alguns setores e interpretando personagem de novela. Na minha realidade há dificuldade em incluir, pois muitos acham que ter deficiência é ser incapaz* (Professora G).

Todos os dias percebemos de forma mais evidente a interferência e esforço da mídia em facilitar a eliminação das barreiras da exclusão da pessoa com deficiência.

Atitudes negativas para com o casamento, a sexualidade e a paternidade/maternidade das pessoas com deficiência de moças e mulheres deficientes, atitudes essas que predominam na sociedade. A mídia deve ser estimulada a desempenhar um importante papel na remoção de tais atitudes negativas (SASSAKI, 1997, p.155)

Através de imagens favoráveis, das pessoas com deficiência, a mídia poderá passar informações e mensagens positivas, humanas e reais referente à inclusão.

Vejam os mais alguns questionamentos feitos aos professores e suas respostas:

Como em sua opinião, a televisão influencia efetivamente na inclusão de pessoas com deficiência?

- *A televisão influencia fortemente na inclusão de pessoa com deficiência motivando os expectadores a aceitarem que os deficientes são pessoas com condições semelhantes aos que são considerados normais. (Professora B)*

Quanto à pergunta: Você acha que a mídia contribui de forma efetiva com os professores? Por quê? As respostas ficam divididas, vejamos:

- *Na prática não. Para incluir é necessário muito mais do que simplesmente querer, como o governo o faz, devendo primeiramente, disponibilizar de recursos humanos e materiais, pois o professor que não está preparado, dificilmente irá contribuir para a inclusão. Para incluir, deve-se oferecer meios e materiais, também o atendimento especializado nas escolas, em que hoje não dispõe de orientador, bibliotecário e outros setores para atender o ensino regular, que esperamos, então, em se tratando de pessoa com deficiência? (Professora D).*
- *De certo modo, no que diz respeito à informação, quanto a recursos nós trabalhamos precariamente não temos estrutura física, para poder acolher alguém que precisa estudar, não temos móveis, livros que se adaptem a ele. Para um aluno surdo, é muito difícil dar aula, tive essa experiência, você explica a aula e ela ficava somente olhando, depois tinha que dar aula exclusiva para ela, não tinha como escrever e ficar parada para ela ler os lábios, as provas, teste tudo diferenciado, com explicação em cada enunciado de como deveria realizar as atividades. Neste ponto de vista a mídia não colabora, pois é o computador que "fala" e outros recursos que nós não temos. Não sabemos ler em "braile" nem pelos símbolos "sinais" é tudo difícil e nesse aspecto nem a mídia nem governantes ajudam, apenas querem que tomemos "conta" do que está em nossas mãos (Professora F).*
- *A mídia contribui em parte, para a efetiva inclusão entre os professores até mesmo por que, às vezes, o próprio profissional acha mais cômodo não adentrar-se nesse estudo, receoso de aprofundar-se, e ir à luta, pela efetiva concretização desse processo, de certa forma, difícil" (Professora G).*

Observamos que os professores apregoam informações distorcidas, sobre imagens e linguagem relacionadas com as pessoas com deficiências, isso também pode ser visto na mídia.

Seguidamente, na mídia perpetua a imagem de coitadinho, sofredor e incapaz, exagerando-se na carga emocional, usando imagens sensacionalistas, reforçando a visão, que se vem tentando modificar e eliminar da pessoa com deficiência.

Também a televisão mostra e a escola reproduz a concepção de que as pessoas com deficiência são boazinhas, que tudo aceitam, que compreendem suas limitações, que são dóceis e passivas com todos, não importa o que lhes aconteça; isso é uma inverdade.

Neste sentido, Teixeira coloca alguns mitos e conceitos errados que ainda persistem em relação à pessoa com deficiência mental, tais como:

(...) Pessoas com deficiência mental são agressivas e perigosas, ou dóceis e cordatas;
 Pessoas com deficiência mental são, em geral, incompetentes;
 Meio ambiente pouco pode fazer pelas pessoas com deficiência;
 Pessoas com deficiência mental só estão “bem” com seus “iguais”;
 Para o aluno com deficiência mental, a escola é apenas um lugar para exercer alguma ocupação fora de casa (2003, p.154).

Para Werneck “Elas interagem com o meio ambiente e desenvolvem a personalidade como qualquer pessoa. Quem não tem carinho não será carinhoso” (1997, p. 242).

Quando a televisão reforça esses mitos e estereótipos, assume a postura que vai ao encontro do que a sociedade considera erroneamente como inerente das pessoas com deficiência, que elas não têm condições de superar suas dificuldades e por isso não devem ser cobrados em igualdade aos demais.

Com essas idéias estão discriminando de forma discreta e implícita, através do sentimento de compaixão e piedade, não favorecendo a verdadeira inclusão, não convidando a opinião pública a refletir que não basta ser bonzinho para resolver questões da inclusão, pois ela é um direito assegurado na Constituição Brasileira.

A televisão pode colaborar para amenizar ou acabar com a freqüente resistência da sociedade, de professores, de direções e de gestores de escolas, manifestados através de questionamentos, representações e queixas sobre a dificuldade da inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular.

Nota-se a dificuldade de os professores, atuantes no ensino regular, incluírem pessoas com deficiência, a partir da observação de questionamentos e falas carregados de preconceito, medo, estigmas: *"não sei por onde começar"*, *"é necessário ter uma equipe técnica na escola"*, *"não estamos preparados"*, *"qual metodologia usar"*, *"como avaliar"*.

Nessa perspectiva, questionamo-nos de que forma podemos renovar a prática escolar e a sociedade para dar conta da inclusão? As respostas para esses questionamentos estão no rompimento de velhos paradigmas e na formação e renovação de conceitos, referente à inclusão da pessoa com deficiência.

A sociedade que queremos e está emergindo, luta pela valorização de cada ser humano, pelo respeito às diferenças individuais, acredita que a pessoa independente de suas diferenças pode contribuir para provocar mudanças significativas no rumo da inclusão e da dignidade humana.

A idéia de que o mundo é feito de diversidade tem sido cada vez mais difundida na televisão e percebido nas escolas e, assim, a inclusão de pessoas com deficiência vem crescendo e se tornando realidade.

A televisão vem apresentando em sua grade de programação a inserção de pessoas com deficiência atuando em novelas, em entretenimentos destinados ao público juvenil, ressaltando a luta e o direito de todos terem uma educação de qualidade.

Assim, a inclusão que se pretende é aquela em que a escola se adapta para receber esse aluno com deficiência, preocupando-se com sua efetiva aprendizagem, fornecendo e favorecendo acesso ao conhecimento útil para seu cotidiano.

A mídia possui um papel fundamental na promoção de atitudes positivas frente à integração de pessoas portadoras de deficiência na sociedade. Superando preconceitos e má informação e difundindo um maior otimismo e imaginação sobre as capacidades das pessoas portadoras de deficiência(...). A mídia deveria acostumar-se a informar o público a respeito à provisão em educação especial nas escolas regulares, através da popularização de exemplos de boa prática e experiências bem sucedidas (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, podemos dizer que a televisão vem se constituindo num poderoso instrumento de divulgação do processo de inclusão das pessoas com deficiência, colaborando com a escola neste processo em que se começa a

escrever uma história de sucesso, na qual realmente todos tenham a possibilidade de exercer o direito a um processo de escolarização de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas práticas sociais são evidentemente influenciadas por vários fatores, entre eles a educação que recebemos e também pelo que ouvimos e a que assistimos através da mídia.

Por muito tempo se acreditou que a mídia apenas tinha a preocupação de vender produtos, idéias, valores, nada que contribuísse com a educação, demonstrando pouco interesse por ela.

Porém, com o passar do tempo, a mídia foi modificando e criando um novo conceito, não como rival ou competidora podendo já ser vista como parceira da educação num processo inicial.

Acredita-se que a mídia é uma forte aliada no processo educacional e, principalmente, quando falamos da inclusão de pessoas com deficiência na rede regular de ensino.

Com o advento da inclusão escolar, a mídia foi sendo considerada uma coadjuvante importante para disseminar o novo paradigma da inclusão escolar de pessoas com deficiência na rede regular de ensino. Através da mídia, pode-se mostrar e conscientizar a sociedade que a inclusão escolar é possível e que é uma condição para recuperar a dignidade do ser humano.

A mídia vem interferindo de forma efetiva e positiva contra a cristalização do estigma e preconceito sofrido pela pessoa com deficiência.

Muito a mídia tem feito em favorecimento da inclusão da pessoa com deficiência, pois a inclusão requer mudança e rompimentos nos sistemas educacionais, da sociedade e também na família, principalmente mudanças de comportamentos, de atitudes e de prática ética, o que nem sempre é fácil.

Para haver quebras e mudanças de paradigmas, nada melhor e mais eficaz que a participação da mídia, pois ela tem o poder de transformar e influenciar

atitudes, pensamentos, conceitos e preconceitos de milhares de pessoas, através de sua vasta e variada programação.

A mídia e a escola estão “conectadas” pela luta da inclusão da pessoa com deficiência, contribuindo assim para o surgimento de uma nova sociedade, capaz não apenas de ter sentimentos de compaixão e solidariedade, disfarçando o preconceito com ações assistencialistas ou de superproteção, pois a sociedade com que sonhamos e que queremos é uma sociedade que não discrimina e sim que estimula o desenvolvimento das potencialidades.

A verdadeira inclusão não se dá apenas por retirar as barreiras arquitetônicas ou facilitar o acesso aos lugares sociais a que todos têm direito, mas acima de tudo pela verdadeira aceitação de que ser diferente faz parte da diversidade humana.

A mídia colabora com a inclusão quando não exagera na carga emocional dos fatos apresentados, quando emprega termos adequados, quando verifica as informações a serem repassadas ao público.

Assim, nota-se que o esforço da mídia em prol da inclusão vem ocasionando mudanças de comportamentos e atitudes para com o tratamento das pessoas com deficiência.

Observamos uma intensa mobilização por parte dos órgãos da mídia, escolas e das famílias para enaltecer o tema inclusão escolar de pessoas com deficiência.

Podemos salientar que a inclusão da pessoa com deficiência não é um processo fácil e rápido, mas lento e gradual, que requer grandes rupturas de todos os envolvidos, porém é necessário, para a garantia de que TODOS tenham acesso e permanência a uma escola de qualidade, que sabe conviver, tirar proveito e enriquecer com a experiência forte da diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Botando a Mão na Mídia**. Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. **Declaração de Salamanca**, e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas. 2ed. Brasília: CORDE, 1997.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília: SF, 1988. Disponível na Internet via WWW URL: <<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>> Capturado em 20/11/2007, as 21:15.

ESCOLA DE GENTE (coord) **Manual da Mídia Legal**: jornalistas e publicitários mais qualificados para abordar o tema inclusão de pessoa com deficiência na sociedade Rio de Janeiro: WVA, 2002.

GENTILLI, P. LIGUEM A TV: Vamos estudar! In: **Nova Escola**. nº. 189. São Paulo: Janeiro/ Fevereiro, 2006. p. 45.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 09 - 29.

MORAN M, J. Ligue a TV: Vamos estudar! In: **Nova Escola**. nº. 189. São Paulo: Janeiro/ Fevereiro, 2006, p. 46.

RESENDE, V. K. E. **Mídia e Deficiência**: Manual de Estilo. Brasília: CORDE (MJ/CDB), 1996. Disponível em: WWW.URL:<<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/sicorde/midia.asp>>capturado em 20/05/2007 as 20:29.

SASSAKI K, R. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para Todos. 2 ed. Rio de Janeiro: WVA,1997.

SASSAKI K, R. **A Mídia**: Seu Papel de Aliado Pró- Inclusão DE Pessoas Com Deficiência Na Sociedade Brasileira. In: EDUCAÇÃO ON – LINE. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em <<http://www.educacaoonline.pro.br/>>. Acesso em 04/ 05/2007 as 20; 58.

SUNDEBERG Declaration. [Aprovada por 103 países, representando 27 organizações (6 internacionais, 4 regionais e 17 governamentais e não – governamentais), na Conferência Mundial sobre Ações e Estratégias para a Educação, Prevenção e Integração, realizada pelo Governo da Espanha com a Unesco, em Torremolinos, Málaga em 2 – 7 de novembro de 1981, 5p.

TEIXEIRA, F. E. da C. (org.). **Aprendendo a Aprender**. Brasília: UniCEUB, 2003.

UNICEF. Declaração Mundial sobre Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas da Aprendizagem, **Conferência Mundial para Todos**, em Jontiem, Tailândia em 5 – 9 de março de 1990.

VIVART, V. (coord.). **Mídia e Deficiência**. Brasília: ANDI/Fundação do Banco do Brasil, 2003. Disponível na Internet via www: URL <http://www.cnbb.org.br/>. Acesso em 27/05/2007 as 18; 27.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. 2 ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1
QUESTIONÁRIO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

QUESTIONÁRIO

Caro (a) professor (a):

Agora que você já leu o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* gostaríamos de salientar a sua importância para a efetivação desta pesquisa, por isso contamos com o seu compromisso e sua sinceridade nas respostas. Desde já agradecemos a sua participação.

*Prof.^a Marle Concari Krassmann (Especializanda)
Prof.^a Doutoranda Sabrina F. de Castro (Orientadora)*

INSTRUÇÕES:

1. Leia, por favor, com cuidado as perguntas que seguem;
2. Ao responder as questões, considere que não há respostas certas ou erradas;
3. Os dados serão trabalhados em conjunto. Porém, pode-se garantir sigilo absoluto quanto a identificação do professor;
4. Na falta de espaço, ao responder as questões, você poderá utilizar o verso da folha.

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome: _____
- 2) Sexo: () Masculino () Feminino
- 3) Data de nascimento: ___/___/___
- 4) Estado civil: _____

FORMAÇÃO:

- 1) Escolaridade (curso, instituição e ano de conclusão):

Ensino Médio: _____

Graduação: _____

Especialização: _____

Mestrado: _____

Doutorado: _____

Outros: _____

ATUAÇÃO PROFISSIONAL:

- 1) Escola: _____
- 2) Série(s): _____
- 3) Tempo de atuação: _____
- 4) Em qual(is) turma(s) tem aluno incluído (s)? _____

- 5) Caracterização desta(s) turma(s):

Série: _____

Número de alunos: _____

Relação dos alunos com deficiência na turma (aluno, idade, sexo, tipo de deficiência):

- 6) Há quanto tempo atua na área da Educação?

até 5 anos de 5 a 10 anos

de 10 a 15 anos de 15 a 20 anos

mais de 20 anos

- 7) Há quanto tempo você tem alunos incluídos?

1 ano 2 anos

3 anos 4 anos

5 anos ou mais

QUESTÕES

1- Você concorda que a televisão é formadora de opinião? Pensando nisso, você acredita que a televisão tem influência de forma positiva ou negativa sobre a inclusão de pessoa com deficiência? E na sua realidade, como isso se dá? _____

2- Como, em sua opinião, a televisão influencia efetivamente na inclusão de pessoa com deficiência? _____

3- Em sua opinião qual seria o interesse da mídia em investir na inclusão de pessoas com deficiência?

4- Você acha que a mídia, em especial a televisão, retrata a verdadeira inclusão que acontece em nosso cotidiano escolar?

5- Você acha que a mídia contribuiu de forma efetiva com os professores? Cite

AGRADECIMENTO

Aos professores que participaram da pesquisa, meus votos de estima, apreço e agradecimento, pois foram de suma importância.

ANEXO 2

TERMO DE COSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pós – Graduanda: Marle Concari Krassmann

Orientadora: Sabrina Fernandes de Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Marle, professora e acadêmica do Curso de Pós-Graduação Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos da Universidade Federal de Santa Maria, desejo por meio deste, informar-lhe, que estamos realizando um trabalho de pesquisa intitulado: QUAL A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, nas escolas estaduais de Maçambará que possuem alunos com deficiência incluídos.

Esta pesquisa objetiva Verificar a influência da mídia televisiva na mudança de paradigmas da Educação Especial a fim de constatar se a abordagem utilizada auxilia no processo de inclusão escolar.

A fim de que essa pesquisa se efetive, necessitamos da colaboração dos professores dessas escolas. Por esta razão, solicitamos a sua cooperação para este estudo.

Informamos que a sua participação neste estudo é livre. Caso queira participar, fique ciente que esta pesquisa consta de um questionário de identificação e de uma entrevista, onde constarão perguntas sobre o cotidiano dos alunos com deficiência nas escolas regulares.

Deixamos claro o total sigilo e privacidade da identificação dos sujeitos (professores), e que este estudo visa, sobretudo, trazer benefícios para a comunidade, as escolas, os professores e alunos envolvidos no processo de inclusão.

Os resultados e conclusões obtidas na pesquisa além de serem publicados no trabalho de conclusão do curso, poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em congressos, seminários e publicados em diferentes meios.

Por fim, eu _____, ciente do que me foi exposto concordo com os procedimentos que serão realizados, participarei da pesquisa, bem como autorizo que sejam feitas entrevistas, gravações, filmagens, fotografias, apenas para a coleta de dados, não sendo possível a divulgação dessas imagens e a minha identificação.

Maçambará, ____ de _____ de 2007.

Assinatura do professor (sujeito da pesquisa)

Assinatura da pós-graduanda

Assinatura da orientadora